CAPITALISMO DIGITAL EM APUROS

https://emancipacaodotrabalho.org/Publicacao.aspx?id=706719

A substituição da globalização neoliberal pelo capitalismo digital é a principal transformação da última década. O modelo de financeirização que culminou na grande crise bancária de 2008 foi complementado ou substituído por outro esquema liderado pelo setor tecnológico, que determina as tendências dominantes do sistema. O novo comando do capitalismo assumido pelas gigantes da tecnologia coroa diversos processos precedentes e enfrenta uma adversidade inesperada.



Imagem: Pawel Kuczynski

Claudio Katz

O capitalismo digital está substituindo o modelo de financeirização erguido pela globalização neoliberal. Uma plutocracia digital ascendeu, confiscando dados de usuários, lucrando com resgates bancários e controlando o experimento trabalhista da pandemia. A inteligência artificial coroa esse domínio, reforçando a captura e a manipulação de informações por uma elite de bilionários digitais. Mas a fragmentação da globalização, o colapso do eixo sino-americano, a desindustrialização americana e a ascensão meteórica da China estão minando os pilares dessa supremacia.

SEIS MUDANÇAS SUBSTANCIAIS

As grandes empresas de tecnologia ganharam crescente domínio inicialmente por meio de sua influência nas cadeias de valor globais forjadas pela produção globalizada. O salto na internacionalização da atividade econômica não se limitou ao comércio ou às finanças, mas também transformou os métodos de produção. Essa mudança foi possibilitada pela revolução tecnológica iniciada pelos computadores, fortalecida pelas redes e reforçada pela inteligência artificial.

A ascensão das empresas de tecnologia, por sua vez, reflete a própria evolução do setor, que passou por sucessivas etapas internas de aprimoramento digital. A computação inicial progrediu em direção a computadores mais rápidos e com maior capacidade de memória, e esse aumento no poder computacional incentivou seu uso comercial.

No início do século XXI, o processamento de informações explodiu para uma nova escala com o Big Data e, na última década, assistentes virtuais começaram a reconhecer vozes e interagir com usuários por meio de seus telefones. Esse avanço inaugurou as aplicações básicas da IA . Em consonância com essa maturação, a aplicação dessa tecnologia começou na automação e robotização de plataformas de trabalho [i].

Em terceiro lugar, esse aumento na digitalização foi possibilitado pela vasta disponibilidade de capital para o desenvolvimento da tecnologia da informação, que se seguiu ao colapso bancário de 2008. Essa crise envolveu uma injeção maciça de dinheiro dos bancos centrais para resgatar instituições em dificuldades (afrouxamento quantitativo). Mas o destino subsequente desses fundos foi o financiamento de empresas de tecnologia. Essas empresas tinham à sua disposição uma quantidade sem precedentes de recursos que os bancos canalizaram em seu benefício, e elas usaram esse dinheiro para concluir sua rápida expansão.

Essa mudança significativa no desenvolvimento do capitalismo foi inicialmente ofuscada pela atenção generalizada dada à crise bancária de 2008. Debates sobre regulamentação ou a mera continuação da financeirização dominaram o interesse dos economistas. Esse processo foi geralmente visto como mais um passo na era neoliberal, sem que se percebesse como o influxo maciço de capital nos bancos para evitar seu colapso acabou dando origem a uma plutocracia digital [ii].

Esse setor em expansão capturou recursos e remodelou o capitalismo ao controlar os dados que sustentam a revolução digital. Esse quarto determinante da mudança atual foi possibilitado pela concentração e apropriação desse recurso indispensável nas mãos de um pequeno número de empresas.

Os dados foram acumulados, apropriados, extraídos e roubados em paralelo com a disseminação dos computadores, da internet, das redes e dos telefones

celulares. Os proprietários dessa infraestrutura (Space, Anthropic , OpenAI , Google, Meta, Microsoft, Amazon) completaram a confiscação de informações que os usuários começaram a fornecer gratuitamente por meio de cartões de crédito na década de 1980.

A acumulação exponencial desses fundamentos foi posteriormente concluída por meio de sua consolidação em Big Data e seu processamento em Data Centers. O processamento desses dados, utilizando algoritmos desenvolvidos por essas empresas, fornece à plutocracia digital um instrumento sem precedentes para o controle social e a acumulação de lucros.

Esse controle surgiu do acúmulo descontrolado de dados fornecidos pela monumental rede de usuários interconectados sob seu comando. O Facebook ostenta 3,12 bilhões de usuários ativos mensais em uma população global de quase 8,2 bilhões. Essa plataforma atinge 38% da população mundial e 54% dos usuários de internet. O WhatsApp conecta cerca de 3 bilhões de usuários e é o sistema de mensagens mais utilizado no mundo. O Instagram também alcançou um número semelhante de usuários, e o Messenger tem cerca de 1,1 bilhão [iii].

Quando o Facebook comprou o WhatsApp (2014), prometeu aos órgãos reguladores que não cruzaria os dados obtidos por esse sistema com os seus próprios. Mas violou esse compromisso com total impunidade e realizou o armazenamento massivo de dados que seus concorrentes também perpetraram. A inteligência artificial se desenvolveu usando essa plataforma de dados em servidores gerenciados por um punhado de empresas.

A pandemia atuou como o sexto fator determinante desta nova etapa. Ela possibilitou um salto qualitativo na revolução digital por meio de um experimento em larga escala na plena utilização das novas tecnologias. A emergência médica inesperada impulsionou o estabelecimento de um sistema global de comunicação instantânea, baseado em uma vasta infraestrutura para monitorar, mensurar e prever todos os comportamentos.

As plataformas digitais possibilitaram a implementação dessa engenharia social durante os confinamentos. Um novo modelo de trabalho, compras e comunicação foi forjado, integrando-se posteriormente à vida profissional. A grande experiência durante a pandemia permitiu o aprimoramento de todos os mecanismos desse novo sistema, que persistiu no cotidiano por meio de códigos QR, serviços bancários obrigatórios e a consolidação do trabalho remoto [iv].

O SEGREDO DA DIGITALIZAÇÃO

A inteligência artificial (IA) é a fase mais recente e avançada da revolução digital, que ganhou um ritmo vertiginoso na última década. Mas suas origens remontam ao surgimento da computação em 1946, à introdução do microprocessador em

1971 e à ampla adoção da internet a partir de 1991. Posteriormente, surgiram redes que interconectaram milhões de usuários e substituíram o armazenamento de dados em computadores individuais por sua localização no espaço digital.

Essa mudança introduziu o salto mais significativo na computação e acelerou sua aplicação na Indústria 4.0 por meio das cadeias de valor. A fase inicial de aplicações da computação na economia e no cotidiano (1985-2008) foi seguida pela ampla adoção da Web como plataforma organizadora para o desenvolvimento digital (2008-2022). A Inteligência Artificial introduz o próximo elo em uma sequência que acompanhou a rápida internacionalização da economia [v].

A inteligência artificial surgiu com força total com o ChatGPT , lançado pela OpenAI em 2022. Ele explora a introdução de uma "máquina de aprendizado geral" inspirada em redes neurais , que opera com algoritmos que imitam sistemas biológicos. Esses sistemas são treinados com base nessa adaptação.

Seu desenvolvimento resultou de três processos convergentes que empoderaram os proprietários do universo digital. Primeiro veio a privatização da internet, seguida pela apropriação de dados. Essa confiscação seguiu o precedente histórico do cercamento de terras comuns na Inglaterra, que sustentou a acumulação primitiva de capital. Finalmente, a enxurrada de dinheiro que a elite tecnológica recebeu dos bancos centrais após o colapso de 2008 coroou a ascensão da nova casta.

A presença de uma bolha financeira já formada (bolha da internet) e de outra em desenvolvimento (inteligência artificial) ilustra a repetição de um ingrediente clássico de todas as revoluções tecnológicas. Reitera o que aconteceu com o boom dos canais (1797), a euforia ferroviária (meados do século XIX), o otimismo do mercado de ações em torno do aço e da eletricidade (1890-1893), o automóvel (1920-1930) e a matriz energética (1970-1980).

Uma inovação com impacto radical e consequente prosperidade financeira está, mais uma vez, influenciando a transformação qualitativa do capitalismo [vi].

As empresas que lideraram essa tendência posicionaram-se na vanguarda, controlando o hardware e o software que lhes permitem apropriar-se e coletar dados fornecidos livremente pelos usuários. Primeiro, organizaram essas informações utilizando documentos disponíveis e, em seguida, aproveitaram a interação nas redes sociais para capturar todas essas fontes.

A Microsoft iniciou essa absorção na década de 1980 com o sistema operacional Windows, que se tornou o modelo emblemático da computação. A Apple complementou essa tendência com seu próprio sistema, e o Google lançou o

principal mecanismo de busca, juntamente com diversas ferramentas de interconexão (e-mail Gmail, plataforma de vídeos YouTube). O sistema operacional Android para smartphones tornou uma grande parte dos dados do planeta acessível aos seus usuários.

O Google se transformou em uma máquina de coleta e organização de dados. Começou agregando todas as informações de documentos já disponíveis na internet, depois catalogou livros (Google Library Project), organizou notícias (Google News) e mapeou ruas, rotas e cidades (Google Maps), até adquirir as ferramentas necessárias para dominar o mercado digital. Com essa base, vende espaços publicitários em suas plataformas para empresas, permitindo que elas personalizem suas campanhas e fidelizem clientes. seus clientes.

O Facebook trilhou o mesmo caminho com a rede social mais usada do mundo e a consequente riqueza de informações fornecidas por seus usuários. O Instagram e o WhatsApp usam fotos, vídeos e mensagens com o mesmo propósito de impulsionar a segmentação de vendas.

Toda a atividade comercial foi transformada por esse novo padrão de conhecimento detalhado sobre a renda e as preferências do consumidor. Essa compreensão também é a chave para o sucesso da Amazon, que revolucionou completamente o comércio ao cadastrar seus clientes. Com a sistematização dos perfis dos compradores, a empresa passou de uma simples vendedora de livros online (1994) a se tornar... A maior varejista online do mundo. Sua gestão e compreensão dos consumidores permitiram que ela suplantasse os antigos gigantes do varejo (Walmart, Carrefour). Atualmente, participa da corrida da inteligência artificial, tendo lançado o dispositivo Alexa para comunicação por voz.

A ampla adoção de telefones celulares desde 2009 forneceu a ferramenta essencial para a consolidação das plataformas de publicidade. Esse dispositivo foi o grande segredo por trás do domínio inaugurado pelo Google (1998), mantido pelo Facebook (2004), reforçado pelo YouTube (2005) e consolidado pelo Instagram e Twitter (2006).

Outras plataformas (como Uber e Airbnb) introduziram a gestão de bens de terceiros (carros, apartamentos) atuando como intermediárias na sua utilização. Este modelo, por sua vez, desencadeou um boom nos serviços de entrega ou de correio (PedidosYa , Glovo, Rappi), que lucram com a transferência de obrigações e riscos para quem realiza essas atividades.

A NOVA PLUTOCRACIA

Todos os modelos de negócios capitalistas foram disruptados pela evolução digital, que concede inúmeras vantagens a quem chega primeiro. Esse pioneiro detém o controle da rede que conecta os usuários aos novos serviços disponíveis.

A chave para esse sucesso capitalista reside na apropriação dos dados que organizam cada empreendimento.

A gestão da plataforma que extrai, analisa e monetiza dados é o principal segredo desse domínio. Ela exige algoritmos para confiscar informações e garantir clientes, utilizando a infraestrutura monumental que suporta o novo modelo de acumulação computadorizado.

Os detentores dessas alavancas de poder se transformaram em uma elite dentro da própria classe dominante capitalista, exercendo um poder imenso e sem precedentes. Eles formam uma pequena minoria de indivíduos ultrapoderosos que lucram com o controle de vetores de informação, patentes, algoritmos e sistemas logísticos. Por meio dessa manipulação, eles alcançaram uma enorme influência sobre o restante dos capitalistas e a sociedade como um todo.

Consolidaram, em torno de seus próprios círculos, as configurações típicas de oligopólio que erguem barreiras à entrada no mercado por meio da aquisição total ou parcial de empresas que surgem como potenciais concorrentes. As principais plataformas desenvolvem estratégias agressivas para adquirir ou estabelecer parcerias com novos entrantes.

Eles agem com grande rapidez quando surgem nichos que ameaçam a posição dominante dos plutocratas estabelecidos. Com a revolução digital em pleno andamento, precisam aceitar novos membros nessa elite, após envolvê-los na consolidação da estrutura de poder.

Todas as regulamentações existentes, concebidas para prevenir ou limitar essa concentração de capital, foram facilmente contornadas pelo punhado de bilionários que controlam o mundo digital. As expectativas ingênuas de democratização da informação — que supostamente acompanhariam o surgimento da internet — foram definitivamente frustradas diante do despotismo exercido pelos donos do sistema.

As figuras mais famosas desse universo atuam como capitalistas , combinando a propriedade com a função de organizar ou administrar empresas do setor.

Os lucros monumentais de Gates, Zuckerberg, Bezos, Musk ou Altman provêm principalmente de sua posição como proprietários das empresas.

A impressionante valorização dessas empresas no mercado de ações e os consequentes retornos que recebem decorrem dessa propriedade. Mas, em muitos casos, esse papel coexiste com sua função de inovadores e transformadores de invenções digitais em mercadorias lucrativas. Os elogios que recebem por esse segundo atributo muitas vezes mascaram as enormes

adversidades sociais causadas por sua consolidação como bilionários dentro de uma estrutura de desigualdade sem precedentes.

O novo modelo que surgiu em torno da inovação digital recebeu vários nomes. O termo inicial, “tecnocapitalismo”, destacou como a revolução da tecnologia da informação colocou um novo setor empresarial no comando do sistema, substituindo as tradicionais empresas de petróleo, aço ou automóveis [vii].

A subsequente identificação com o “capitalismo de plataforma” aludiu ao novo papel dominante que esses ramos desempenham no funcionamento geral do sistema. Os autores que cunharam essa expressão (Nick Srniceks) ilustraram como um público de fornecedores se vinculou a outro de consumidores por meio dos novos oligopólios que controlam as redes.

O outro termo utilizado, “capitalismo digital”, também destaca a dinâmica geral de um sistema que foi moldado pela mediação das novas tecnologias de informação [viii].

Nenhuma dessas três definições implica a existência de um sistema diferente do capitalismo. A economia e a sociedade continuam a funcionar em torno de um regime social de competição por lucros derivados da exploração. O que mudou foi o estágio, o modelo ou a forma de acumulação dentro desse modo de produção.

No ápice dessa estrutura, e no cerne de sua reprodução, emergiu uma nova classe de plutocratas, que define o rumo e as prioridades do capitalismo. Eles possuem um nível de riqueza sem precedentes e uma capacidade igualmente inédita de influenciar a trajetória do sistema, mas seu projeto está ameaçado por uma mudança inesperada nas relações internacionais.

GLOBALIZAÇÃO DIGITAL

A revolução digital se desenrolou em uma escala global que superou todas as transformações análogas anteriores. Ao contrário do que aconteceu com as ferrovias, a eletricidade, os automóveis, os plásticos ou a energia, ela irrompeu no planeta diretamente. Não se expandiu de um país para outro por meio de investimentos externos ou da criação de empresas, mas sim conectou usuários como consumidores em todo o mundo desde o início. É por isso que Google, Meta, Microsoft, Amazon e Facebook emergiram desde sua concepção como redes e empresas globais.

Essa internacionalização, que começou logo no alvorecer da era digital, foi possível porque coincidiu com a ascensão da globalização. Esses dois processos se reforçaram mutuamente, uma vez que a informatização acelerou a globalização da economia, e esse salto nas atividades globais fortaleceu o surgimento de megaempresas de tecnologia. Por sua vez, esses processos sustentaram os

pilares da globalização nos níveis geopolítico (governança global) e ideológico (cosmopolitismo e transnacionalismo).

A globalização da economia e a revolução digital se disseminaram sob o mesmo ímpeto do capitalismo, que, sob a pressão da concorrência, obriga as empresas a globalizarem seus investimentos para obterem lucratividade em mercados maiores. Essa pressão resultou em uma expansão espacial juntamente com uma significativa redução dos tempos de produção [ix].

Desde a década de 1990, as políticas econômicas neoliberais aceleraram essa tendência de internacionalização, inerente à própria estrutura da acumulação capitalista. Essa influência global atingiu uma escala sem precedentes no início do século XXI, com a internacionalização da produção e a transformação de todo o panorama industrial, o que implicou a relocalização da indústria para o Oriente.

As economias dessa região dobraram sua participação na atividade manufatureira e substituíram a centralidade histórica da manufatura dos Estados Unidos, da Europa e do Japão [x]. Essa grande transformação foi possibilitada pela nova rede de comunicações, pelas interconexões dos usuários e pelos modelos de marketing global introduzidos pela revolução digital.

A globalização coroou um longo processo de reformulação da Divisão Internacional do Trabalho, iniciado na década de 1960, com a relocalização de indústrias para a periferia, a separação do ciclo de produção em diferentes locais, o surgimento da empresa multinacional e a formação de um espaço homogêneo da empresa transnacional, dentro da estrutura diferenciada da economia mundial.

As empresas separaram as atividades especializadas da produção em massa e lucraram com as diferenças nacionais de produtividade e salários. A globalização culminou essa reestruturação com a divisão internacional do processo produtivo [xi]. Dessa forma, ocorreu a transição de um modelo periférico de exportador de matérias-primas para um modelo de... periferia integrada à manufatura industrial [xii].

O elo final dessa cadeia foi o estabelecimento de cadeias globais de valor (CGVs), com maior ênfase em bens intermediários e importações, em uma forma de especialização vertical por empresas globalizadas [xiii]. O objetivo dessa reestruturação era aumentar os lucros por meio da gestão internacionalizada do excedente apropriado pelos capitalistas, através da acumulação de mais-valia extraordinária. na cabeceira dessa estrutura [xiv].

Nesse modelo, as corporações transnacionais dobraram o número de funcionários, passaram a controlar um quarto do PIB global, 80% do comércio mundial e 40% da riqueza gerada em todo o mundo [xv]. Essa sequência de

transformações enormes foi possibilitada pelo desenvolvimento simultâneo da revolução digital, que acompanhou, apoiou e incentivou cada uma dessas tendências de crescimento. fases da globalização.

Mas esse modelo pressupunha o domínio econômico indiscutível dos Estados Unidos, que inspirou a globalização e liderou a revolução da tecnologia da informação. Wall Street forneceu a espinha dorsal financeira para esses processos, Washington a influência ideológica e política, e o Vale do Silício a base digital.

Esse modelo de globalização, aliado à digitalização, prometia restaurar a supremacia imperial dos Estados Unidos no mundo unipolar que se seguiu ao colapso da União Soviética. Mas esse sonho vacilou com a crise financeira de 2008 e desmoronou completamente na última década.

FRATURA DA GLOBALIZAÇÃO

A expectativa de domínio econômico global que os Estados Unidos esperavam recuperar com sua liderança digital se dissipou por quatro razões: a fragmentação da globalização, o colapso do eixo sino-americano, a desindustrialização americana e a ascensão meteórica da China.

O colapso da globalização é evidente na estagnação do comércio mundial após várias décadas de crescimento significativo. O comércio como percentagem do PIB global subiu de 25% (1970) para 61% (2008) e depois caiu para 57% (2024) [xvi]. O pico dos fluxos anuais de investimento estrangeiro direto (IED), de 5,3% do PIB global em 2007, caiu agora para 1,3% [xvii].

O uso generalizado de novos termos — como *"desglobalização" e "desglobalização"* — juntamente com a centralidade de seus equivalentes , *como "reshoring" , "nearshoring" e "friendshoring",* confirma essa mudança no novo cenário de protecionismo e neomercantilismo. O impacto dessa mudança é muito mais significativo no comércio e nas finanças do que na indústria, uma vez que as cadeias de valor persistem e não há retorno da atividade manufatureira aos antigos padrões de autarquia nacional. Mas o cenário de globalização neoliberal e digitalização sob o comando dos EUA agora é coisa do passado.

Em segundo lugar, a estreita parceria econômica entre as duas superpotências que sustentou a globalização chegou ao fim. A era da " Chinamerica " terminou, e o modelo de investimento voltado para o Oriente — para que o gigante asiático fabrique o que o consumidor americano compra — está sendo seriamente questionado.

Esse sistema bem azeitado, alimentado por empréstimos da potência asiática e dívidas de sua contraparte ocidental, chegou a um ponto de ruptura insustentável.

O desequilíbrio global criado pelos superávits comerciais e financeiros da China e pelo déficit dos EUA alimenta uma instabilidade explosiva na economia mundial. Após a crise bancária de 2008, as duas potências iniciaram um distanciamento gradual para corrigir esse desequilíbrio, e esse afastamento minou definitivamente a continuidade da globalização.

Em terceiro lugar, a internacionalização da produção exacerbou a desindustrialização dos Estados Unidos a um nível insustentável para a principal potência mundial. Seus defensores presumiam que a especialização americana em finanças, serviços e alta tecnologia compensaria o declínio na indústria manufatureira, recriando a liderança global de Washington dentro de uma nova e estável divisão global do trabalho. A globalização neoliberal e todas as suas premissas neoclássicas de especialização lucrativa de cada economia em suas vantagens comparativas baseavam-se nessa crença ilusória.

As falácias dessa narrativa vieram à tona nas últimas décadas, através de uma montanha de contradições que os Estados Unidos não conseguiram administrar. A incapacidade de aplicar inovações em Inteligência Artificial em uma economia com produtividade em declínio e competitividade dizimada é a evidência mais convincente e recente desse desequilíbrio incontrolável.

Em última análise, a ascensão avassaladora da China destruiu a globalização, a grande aposta dos Estados Unidos para recuperar sua liderança imperial, e aprofundou seu declínio. Pequim, e não Washington, foi a principal beneficiária da expansão do comércio global e, por essa razão, continua a promover transações globais, apesar da reação protecionista do proponente inicial dessa estratégia. Nenhum dado ilustra o declínio americano com mais clareza do que a vantagem obtida pela China, rival de um projeto inicialmente defendido pelos Estados Unidos .

Esse plano atribuía à China um papel subordinado e dependente. Ele previa a potência asiática como uma mera fabricante de bens básicos, permanecendo uma exportadora subserviente desses insumos para os apoiadores americanos das corporações transnacionais.

Mas, em vez de seguir o caminho de ser meramente tributária do poder ocidental, a China forjou seu próprio modelo de desenvolvimento autônomo, impondo regulamentações de transferência de tecnologia a investidores estrangeiros. Priorizou seu desenvolvimento interno com políticas econômicas opostas ao neoliberalismo e à financeirização .

A China disciplinou seus capitalistas com regulamentações estatais que limitavam a lucratividade das empresas, bloqueavam o controle burguês do poder político e reafirmavam a preeminência do planejamento. Também forjou seu

próprio modelo de globalização em torno da Rota da Seda. Esse esquema alternativo desferiu o golpe final na globalização neoliberal e no projeto de ressurgimento digital americano. Esse resultado altera o novo panorama da Inteligência Artificial, direcionando-a para um rumo que analisaremos no próximo artigo.

---

[i]Míguez, Pablo (2025) Inteligência artificial, dados e desigualdades no capitalismo contemporâneo. *REDES* Journal of Social Studies of Science and Technology, Quilmes.

[ii] Vrousalis , Nicholas (2026). Capitalismo e Big Tech. Rumo a uma crítica da hipótese "tecnofeudal". https://www.sinpermiso.info/textos/capitalismo-y-big-tech-por-una-critica-de-la-hipotesis-tecnofeudal

[iii]Dona Cristina (2026) Redes sociais mais usadas em 2026 e como escolher a sua

https://metricool.com/es/redes-sociales-mas-importantes/

[iv]Pasquinelli, Matteo (2023) A Automação da Inteligência Geral https://www.e-flux.com.translate.goog/journal/141/577253/the-automation-of-general-intelligence?

[v]Katz, Claudio (2019) Capitalismo Contemporâneo, Curso de Pós-Graduação Revolução Tecnológica, Aula 2 https://www.youtube.com/watch?v=GgNsJwF19JY&list=PLWfnIgB-PMjuPh0oyntPlEdKiyIRfaKWq&index=2&t=27s

[vi]et al" (2017) Uma tensão permanente entre expansão e crise do capitalismo: como revoluções tecnológicas e como financeiras , *Rev. Texto. Econ* ., Florianópolis, v. 2, agosto / dez . 2017

[vii]Echeverría, Javier (2016). Diálogos, https://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/index-2016-05-16.html

[viii] Fuchs, C., (2021). Os bens comuns digitais e a esfera pública digital: como impulsionar a democracia digital hoje, *Westminster Papers in Communication and Culture* 16(1), 9-26. doi : https://doi.org/10.16997/wpcc.917 -

[ix]Harvey, David (2012). O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo, AKAL, Madrid, (pp. 40-45)

[x]Smith, John (2010), Imperialismo e a globalização da produção. Sheffield: Universidade de Sheffield, (p. 22)

[xi]Andreff, Wladimir (2013). O Estado globalista Sobreviver à crise da mundialização . La mundialização , estádio supremo do capitalismo , Hommage a Charles Albert Michalet, Paris-10 (p. 299-317)

[xii]Martínez Peinado, Javier (2012). A estrutura teórica Centro/Periferia e a análise do Sistema Econômico Global: obsoleta ou necessária?, janeiro de 2012 www.usc.es/congresos/xiirem/pdf/50.pdf (p. 1-26)

[xiii]Milberg, William; Deborah, Winkler (2018). Cadeias Globais de Valor . Dinâmica da Produção no Capitalismo Contemporâneo, Universidade Nacional de Quilmes, (p. 9-54)

[xiv]Starosta, Guido; Caligaris, Gastón (2017). Trabalho, valor e capital , Universidade de Quilmes, (p 211-276)

[xv]Vitali, Stefania “et al” (2011). A Rede de Controle Corporativo Global, PLoS ONE 6 (10).

[xvi]Machado, Diogo; Abreu, Alexandre (2026). Depois da Hiperglobalização: A Reconfiguração da Ordem Capitalista 14/05/2026 https://vientosur.info/despues-de-la-hiperglobalizacion-la-reconfiguracion-del-orden-del-capital/

[xvii]UNCTAD, (2026). Relatório Mundial de Investimentos 2026 https://unctad.org/publication/world-investment-report-2026-international-investment-turbulent-era